

Espaços sociais e redes sociais: mediações no processo de construção de habitus das novas gerações

Maricelma Tavares Duarte

RESUMO

Este texto tem por objetivo construir um recorte teórico da estruturação de processos de sociabilidade juvenil a partir dos processos contemporâneos de sociabilidade em redes sociais virtuais, analisando os princípios constituidores das redes sociais como meio de comunicação enquanto construtoras de habitus, tendo como objeto da pesquisa a sociabilidade juvenil, abordando os fluxos de sociabilidade a partir das redes sociais e sua expansão para as redes sociais virtuais. É um texto investigativo de cunho bibliográfico surgido das inquietações e incertezas em torno da sociabilidade juvenil a partir do espaço virtual. Parece-nos plausível que as redes sociais caracterizam-se na atualidade como constituídas e constituidoras de novas formas de interações sociais. Este texto tem como base teórica Bourdieu (1989), Castells (2003), Baechler (1995), Tuner (2000) Recuero (2004) e, Marteleto (2010).

Palavras Chave: Sociabilidade, Redes sociais, Habitus.

Introdução

No decorrer dos últimos anos muitas discussões de cunho sociológico têm girado em torno das mudanças que vêm ocorrendo na sociedade contemporânea, influenciando nosso modo de ser, pensar, agir e interagir. Alguns estudos apontam como causa dessas mudanças a evolução tecnológica principalmente na área das comunicações, expandindo os limites do conhecimento e da sociabilidade.

Reconhecendo as mudanças importantes neste campo optei por analisar o conceito de sociabilidade tendo autores como Baechler (1995), Turner (2000), Bourdieu (1989, 1994, 1996, 2004, 2008). Para análise das redes sociais e virtuais recorro a autores como: Castells (1999, 2003, 2006), Marteleto (2001, 2010), Marinho (2011), Recuero (2004 2009).

Pode-se constatar historicamente que os seres humanos necessitam uns dos outros para sobreviverem, e a partir da interação que estabelecem para estar juntos no mundo, constitui as formas de expressão cultural, normas, leis, costumes que levam os homens a viverem em regime social, onde a convivência entre os seres deve ser a mais harmônica possível. De acordo com Turner, (2000, p. 47)

A realidade social revela um padrão, ou estrutura, que dá a cada um de nós um sentimento para o lugar ao qual pertencemos, o que se espera que façamos, e como nós devemos pensar e sentir. Embora a realidade social não tenha a organização de uma colmeia, ela não deixa de ser organizada [...]. Se ela não

fosse organizada, não saberíamos como agir, e constantemente ficaríamos incertos quanto às prováveis reações dos outros. Sem estrutura, o mundo social é o caos. Evidentemente, com estrutura demais ele se torna restrito, chato e opressivo, e às vezes acaba por eliminar o papel do sujeito. Desde que os homens deixaram a caça e a colheita como modo de subexistência, eles nunca mais alcançaram o mesmo equilíbrio entre liberdade e autonomia, por um lado, e a ordem e a estabilidade, por outro. A vida social é um constante cabo-de-guerra entre o nosso desejo de ser livre e a nossa necessidade de ser parte da estrutura social.

A socialização ocorre ao participarmos da vida em sociedade movidos por nossas afinidades ou interesses em comum que aproximam os agentes sociais uns dos outros. Com a evolução da sociedade e das tecnologias no século XXI, as comunidades virtuais que habitam o ciberespaço dão origem a um novo tipo de sociabilidade, onde as novas exigências da sociedade atual são decorrentes do processo rápido de informatização, e para acompanhar essas inovações é imprescindível acompanhar também as transformações decorrentes da nova sociedade. “A maioria das atividades em nossas vidas são conduzidas dentro de estruturas sociais. [...] Até mesmo quando estamos sozinhos, somos frequentemente parte de uma estrutura maior cuja presença é sentida. [...]” (TURNER, 2000, p. 48).

Com toda a evolução social e tecnológica é possível perceber que os meios de sociabilidade são reinventados a cada momento e a internet como um dos meios de comunicação, veio para alterar as formas de relacionamento entre as pessoas, com isso o mundo se transforma, as formas de linguagem, de construir identidade, cultura e educação mudam atingindo principalmente a geração dos anos de 1990 em diante.

Este texto tem por objetivo construir um recorte teórico da estruturação de processos de sociabilidade juvenil chegando aos processos contemporâneos de sociabilidade em redes sociais virtuais. Busca compreender o universo juvenil enquanto categoria em um mundo em evolução e não enquanto agentes passivos em um processo estático, mas em movimento no tempo e no espaço que tem ganhado corpo por meio da tecnologia que é amplamente utilizada pelas novas gerações. Ele é dividido em duas partes. Na primeira procura discutir a evolução das redes sociais, na segunda propõe-se análise do processo de interação social e a constituição da sociabilidade, por fim, tecemos algumas considerações que não têm a intenção de ser finais, mas de dialogar com o nosso problema e a apontar alguns caminhos para nossa investigação.

1. Gênese das redes sociais

O homem nasceu para viver em sociedade, para dialogar com o outro e a partir do diálogo trocar conhecimentos, se posicionar perante o mundo, perante a sociedade, comprometer-se com determinadas práticas sociais construindo sua história individual e social, pois o homem é um ser gregário. Este quadro das relações sociais no qual o homem está inserido a partir das redes sociais não é considerado como uma nova terminologia, pois ela existe a mais de um século, e designa as relações estabelecidas pelos homens em suas redes de convívio social.

Para Marinho (2011) a palavra rede surge pela primeira vez no século XII para referir-se a rede de caça ou pesca sendo externa ao corpo e concebida como objeto de ofício do trabalhador. No século XVII a ideia de rede é ressignificada pela ciência para poder observar o corpo humano. No século XVIII o matemático Leonard Euler usou a teoria de redes para resolver o Problema das Sete Pontes de *Konigsberg*, a experiência de Euler deu suporte a outras experiências como ao do sociólogo Harvard Stanley Milgram interessado na estrutura social americana entre pessoas que encontravam-se distantes geograficamente. Para tanto ele criou uma rede entre pessoas residentes no Kansas e Nebraska que enviavam centenas de cartas com base nas orientações fornecidas por Milgram. “O resultado deste experimento ficou conhecido como o efeito *small world* (mundo pequeno) que determinava que a distância de separação entre as pessoas cresce mais lentamente do que a rede que se forma em torno destas ligações.” MARINHO (2011, p. 21).

As redes sociais (MIZRICH, 2006) apresentam raízes em diversas perspectivas teóricas estando entre elas, também: a do psiquiatra J. L Moreno (1934), responsável pela sociometria, dos antropólogos John Barnes (1954), Elizabeth Bott (1957) e J. Clyde Mitchell (1969), algumas mais recentes como a perspectiva teórica de Berkowitz (1982) que analisa as redes como um apêndice do estruturalismo francês de Claude Lévi-Strauss (1969).

Com o advento da tecnologia e o mundo virtual este termo ganha expressividade. Para Pereira redes sociais é “a estrutura constituída por pessoas ou organizações que partilham interesses, motivações, valores e objectivos comuns. Este sistema de rede é criado e mantido através da comunicação partilhada pelos seus membros”. (PEREIRA *et alii*, 2011, p. 4).

Já Laulan (2005) Apud Marteleto (2010) argumenta que a rede refere-se a uma representação de mundo permeada pelo imaginário humano desde a Antiguidade e registra ambiguidades do termo:

“[...] elo que liga [o humano] ao resto do mundo, certamente, mas também fio ou corda que trava toda autonomia”. [...] os elos sociais naturalmente tecidos pelas culturas e pelas estruturas urbanas e nacionais (construídas pelo Estado de direito) parecem ser **secundárias** em relação aos equipamentos tecnológicos [...] propostos pela indústria. (LAULAN, 2005, p. 123-124, grifos do autor Apud MARTELETO, 2010, p. 32).

Recuero (2009) define rede social como sendo o conjunto de dois elementos. De um lado os atores que podem ser instituições, grupos, pessoas que formam os nós da rede, do outro lado as conexões, as interações ou laços sociais estabelecidos neste contexto. “Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social a partir das conexões estabelecidas entre diversos atores” (RECUERO, 2009, p.23).

Já Castells (2005, p.20) afirma que:

A sociedade em rede, em termos simples, é uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microelectrónica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes.

Para Marteleto as redes sociais representam “[...]um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados”. (MARTELETO, p.7, 2001)

Ao analisar a conceituação apresentada por Pereira (2011) e Marteleto (2001) percebemos que de forma geral estes teóricos apresentam as redes sociais constituídas por pessoas e organizações que estão interligadas por interesses, laços sociais, valores comuns que são compartilhados em sociedade. Por outro lado Castells (2006) e Recuero (2009) apresentam as redes sociais virtuais como consequência da evolução tecnológica e contemporânea. No entanto, os Homens desde sua concepção vivem em redes sociais, porém, no mundo contemporâneo a dinâmica social em rede é operada por tecnologias de comunicação e informação que viabilizam a distribuição da informação dos conhecimentos acumulados nos nós dessas redes.

Laulan (2005) Apud Marteleto (2010) apresenta um ponto diferente em sua conceituação, e que Castells (2005), também aborda em a: Sociedade em Rede do Conhecimento à Ação Política. Laulan (id. ibid 2005) refere-se à rede como elo que pode travar a autonomia das pessoas, e que o Estado de Direito parece ser secundário em relação aos equipamentos tecnológicos. Percebemos que quanto mais avançadas são as TIC e os designs das redes sociais virtuais mais atraentes elas se tornam o que leva possivelmente as

peças se expõem cada vez mais e são muito mais monitoradas em suas ações pelas empresas e Estado.

Para Recuero (2004) as redes sociais parecem funcionar como espaço fundamental de interação social na modernidade conectando pessoas e promovendo a comunicação entre elas, criando laços sociais. Recuero (2010) afirma que na literatura das ciências sociais há dois planos das redes sociais identificados, sendo as redes primárias compostas por familiares, parentes, amigos, vizinhança, etc, que constitui-se em processo autônomos, espontâneos e informais. Os secundários já são formados por coletivos de grupos, organizações e movimentos que defendem interesses comuns, partilham conhecimento, experiências com objetivos definidos. Podemos supor que tanto nas redes primárias como secundárias há uma tendência dos agentes em participar de comunidades virtuais ou não com as quais se identificam tanto culturalmente quanto socialmente.

O estudo das redes sociais permitiu a construção do entendimento inovador da sociedade onde o elo social é visto como algo que se estabelece em função dos papéis instituídos e funções que lhes correspondem.

De forma diferente, o conceito de redes sociais leva a uma compreensão da sociedade a partir dos vínculos relacionais entre os indivíduos, os quais reforçariam suas capacidades de atuação, compartilhamento, aprendizagem, captação de recursos e mobilização. A vasta e dispersa literatura internacional sobre redes sociais em geral atribui ao antropólogo A. Barnes a criação do conceito para estudar e descrever uma questão metodológica fundamental dos estudos desse campo, que é o da extensão e não finitude das redes sociais. Ao realizar uma etnografia sobre os princípios de estratificação social numa ilha norueguesa, esse antropólogo desenvolveu uma hipótese, segundo a qual todos seus habitantes estariam interligados uns aos outros por cadeias de interconhecimentos mais ou menos extensas que não se limitam aos limites da ilha, mas ligam seus habitantes a outros sujeitos fora de seu espaço social e geográfico de pertencimento. (BARNES, A., 1954 Apud MARTELETO, 2010, p. 28)

É importante perceber que mesmo tendo uma configuração sociológica todas as conceituações apresentam características semelhantes o que reforça que as redes sociais e seus elos podem ser usados para compreensão e análise do comportamento das pessoas que fazem parte de uma mesma rede, em sua finitude estando no mesmo espaço social e geográfico ou não. O importante nas redes sociais é identificar o fio condutor das relações que estabelecem entre si e buscar compreender os objetivos que os levam a interagirem através das redes sociais de forma virtual.

Porém para Castells (2006, p. 18) temos que estar atentos às mudanças de sociabilidade que não são causadas pela internet ou pelas novas tecnologias de comunicação, mas suportadas pelas redes de comunicação que é crescente nos dias de hoje

“[...] enquanto a estrutura social e a evolução histórica induz a emergência do individualismo como cultura dominante das nossas sociedades [...] e as sociabilidades em rede tornam-se auto-seletivas, estando ligadas ou desligadas dos interesses e disposições de cada agente usuário das redes sociais virtuais ou não.

As evoluções socioculturais e tecnológicas leva-nos a mudanças nas organizações e pensamento humano, exigindo que tenhamos autonomia, criatividade e autocrítica na obtenção e seleção das informações, e neste contexto tecnológico, na não linearidade das informações e ao mesmo tempo nas conexões entre elas, o computador passa a ser uma ferramenta aliada na aquisição de informações e no desenvolvimento dos modos de representação e compreensão do pensamento humano.

Os computadores possibilitam representar e testar ideias ou hipóteses, que levam à criação de um mundo abstrato e simbólico, ao mesmo tempo que introduzem diferentes formas da atuação e de interação entre as pessoas. (ALMEIDA 2000, p. 12)

Para entendermos como é possível testar ideias e hipóteses usando os computadores precisamos entender a evolução da tecnologia e sua produção histórica, pois ela coloca novas questões ao sistema e explicita inúmeras inconsistências em um mundo no qual surgem novas formas de interações entre pessoas e o conhecimento.

A presença das TIC traz uma nova maneira de produção significativa de conhecimento, porém há que se pensar nelas não como mecanismos que levem mais ainda à fragmentação e à linearidade do conhecimento à simples instrumentalização técnica das tecnologias, mas sim de discutir a produção do conhecimento do ponto de vista humano, das experiências vividas e não na perspectiva instrumental ou operacional.

A partir de contextos históricos as transformações ocorridas nas formas de produzir conhecimento passaram da sociedade tradicional, onde o lugar de cada um estava pré-determinado, para a era moderna onde um dos maiores problemas surgidos é o da individualidade que leva o homem a construir seu espaço e criar seu destino na busca da satisfação imediata. A ferramenta que dá esta flexibilidade ao homem é o computador, que permite a conexão via internet com computadores interconectados mundialmente. O uso das redes sociais tem se tornado cada vez mais presente na vida das pessoas permitindo-lhes maior interação em tempo real ou não.

Com o surgimento da web 2.0, o tema das redes sociais é um dos mais acessados nas redes de comunicações, no marketing, na publicidade em todos os campos científico, cultural, social e econômico. A atenção às redes sociais virtuais se deu a partir do momento

que os usuários das redes começaram a utilizá-las como extensão de suas casas, de seus trabalhos incorporando-as em suas vidas.

A Internet, chamada “rede das redes”, caracteriza-se por dois aspectos principais. Primeiro, é um grande acervo de dados e de informações aberto a múltiplas escritas, consultas, leituras, usos e apropriações. Segundo, é uma arena ampliada geograficamente e socialmente para interação, comunicação e sociabilidade. Portanto, atua como suporte de atividades cooperativas em escala mundial, organizadas no âmbito de comunidades massivamente interativas como a *Wikipedia*, os coletivos de desenvolvedores de *softwares* livres, os *blogs*, os jogadores em rede ou as plataformas relacionais, como *Facebook*, *MySpace*, etc. (CARDON, 2008 APUD MARTELETO, p. 32, 2010).

O mundo moderno nos mostra que estamos em plena era digital, a juventude contemporânea, chamada de nativos digitais, nasceu em um mundo que é fértil em recursos tecnológicos digitais. A partir desses avanços e a influencia deles nas relações sociais dos homens faz-se necessário, na pesquisa a ser desenvolvida, uma análise das redes sociais virtuais com intuito de investigar suas raízes conceituais a partir do surgimento da internet e o mundo virtual.

2. Espaço Social e Sociabilidade nas Redes Sociais Virtuais

A interação social desenha-se a partir das relações que as pessoas estabelecem entre si no mundo concreto onde as ações e valores dos grupos vão sendo institucionalizados na medida em que os homens necessitam estabelecer regras de convivência coletiva com objetivo de levá-los a se conscientizarem das normatizações necessárias para esta convivência e a elas se adaptarem.

No processo de interação social se constrói também a cultura de um povo, pois uma não exclui a outra principalmente porque “[...] não há possibilidade de conceber o destino humano desligado da sociedade na qual ele se insere.” (GUIMARÃES, 2011, p 23). A interação social é o resultado dos estímulos de reciprocidade entre os agentes sociais que apresenta variações de padrões dependendo do campo ocupado por esse agente e consequentemente de seu *habitus* em um processo contínuo, permanente e duradouro que acompanha o ser humano por toda a sua existência, incluindo o gosto que é definido pela trajetória do agente a partir de sua experiência de vida que lhe proporciona transitar em outros espaços que não seja apenas o de seu campo específico.

A distribuição das posições no espaço social constrói-se a partir do tipo de capital familiar experienciado pelos agentes a partir das trajetórias sociais no presente e no passado, enquanto herança familiar e do tipo de capital que recebe, seja ele social,

econômico, cultural, ou simbólico. A carga de construção desses capitais vão lhes imprimindo gosto e estilo de vida. Ao analisar os princípios do capital social de Bourdieu (1989, 2004, 2008) percebe-se que este vem carregado de recursos pertencentes às relações que estabelecem com os membros do grupo dando sentido ao sentimento de pertença, e esta pertença pode apresentar-se sedimentada na formação do grupo.

Assim, as representações dos agentes variam segundo sua posição (e os interesses que estão associados a ela) e segundo seu *habitus* como sistema de esquemas de percepção e apreciação, como estruturas cognitivas e avaliatórias que eles adquirem através da experiência durável de uma posição do mundo social. [...] E, nos dois casos, suas operações exprimem a posição social em que foi construído. [...] (BOURDIEU, 2004, p 158)

A posição social construída apoia-se nos objetos, nas práticas, nas representações e interesses de cada agente ao inserir-se em um grupo. Transforma o campo em espaço de disputas a partir dos objetos apreendidos. Todo esse processo é histórico e produz-se no discurso das classes e reconhece-se neste discurso levando, a partir da necessidade de cada campo a classificação e reclassificação de certas ordens dos modos de agir, pensar e viver.

Nossas condutas são determinadas pelo nosso estilo de vida que estão intimamente ligadas ao gosto e às práticas da cultura de cada agente, a partir das condições específicas de socialização que são primeiramente apresentadas nos ambientes familiares, na escola de forma sistemática, levando-nos à incorporação do capital cultural que vai imprimir no agente social o gosto cultural e suas relações comunicacionais que são, a princípio, estabelecidas no seio familiar enquanto processo educativo.

Os contatos sociais estão na origem da vida em sociedade sendo o primeiro passo para que ocorra qualquer associação humana, porém é preciso que haja o princípio gerador e unificador dos agentes sociais, pode-se a partir dele estabelecer relações sociais criando formas de atuação e comportamento enquanto base da constituição dos grupos sociais. O *habitus* se constitui no espaço social no qual o agente adquire experiências subjetivas e objetivas.

A posição de um determinado agente no espaço social pode assim ser definida pela posição que ele ocupa nos diferentes campos, na distribuição dos poderes que atuam em cada um deles, seja, sobretudo, o capital econômico, o capital cultural e o capital social e também o capital simbólico, geralmente chamado prestígio, reputação, fama, que é a forma percebida e reconhecida como legítima das diferentes formas de capital. (BOURDIEU, 1989, p. 134)

A estruturação objetiva das posições de cada agente é advinda conseqüentemente das estruturas subjetivas das disposições que se desenham no campo de cada um, na inserção do mundo econômico e do mundo prático enquanto explicativo das relações de poder. E os espaços geográficos passam a representar as diferenças dos capitais social,

econômico, cultural e simbólico de diferentes espécies, assim o único nivelador deixa de ser o poder econômico, mas incluindo-se o capital simbólico possivelmente comum a todos os agentes sociais de um mesmo grupo.

Bourdieu (1996) propôs ainda uma análise da socialização e da sociabilidade de forma complexa ao levar em consideração não só o tempo e a circulação de informações nas redes, mas a determinação dos agentes a partir dos capitais: social, cultural e econômico e, em especial o capital simbólico de condicionamento dos agentes sociais a uma cultura determinada.

É possível, a esta altura da exposição, comparar o espaço social a um espaço geográfico no interior do qual se recortam regiões. Mas esse espaço é construído de tal maneira que, quanto mais próximos estiverem os grupos ou instituições ali situados, mais propriedades eles terão em comum; quanto mais afastados, menos propriedades em comum eles terão. As distâncias espaciais - no papel - coincidem com as distâncias sociais. Isso não acontece no espaço real. Embora se observe praticamente em todos os lugares uma tendência para a segregação no espaço, as pessoas próximas no espaço social tendem a se encontrar próximas - por opção ou por força - no espaço geográfico, as pessoas muito afastadas no espaço social podem se encontrar entrar em interação, ao menos por um breve tempo e por intermitência, no espaço físico. [...] (BOURDIEU, 2004 p. 153 -154)

Consideramos este ponto como central na análise acerca da sociabilidade juvenil e as redes sociais virtuais. No processo de interação virtual possivelmente os agentes pouco se encontram fisicamente e possivelmente todos que compõem a rede social dos agentes podem ter pouco em comum ou estarem no espaço virtual por apresentarem pontos em comum não fragmentados e impessoais, no entanto é bom ressaltar que proximidade física necessariamente não se traduz em proximidade afetiva.

3. Considerações Finais

Do que foi exposto até o momento podemos considerar que todo nosso existir: pensamento, ações e sentimentos são mediados pelo espaço social. Estar no mundo é trazer consigo o sentimento de pertença ao lugar que ocupamos na sociedade.

Às diferentes posições no espaço social correspondem estilos de vida, sistemas de desvios diferenciais que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência. As práticas e as propriedades constituem uma expressão sistemática das condições de existência (aquilo que chamamos estilo de vida) porque são o produto do mesmo operador prático, o *habitus*, sistema de disposições duráveis e transponíveis que exprime, sob a forma de preferências sistemáticas, as necessidades objetivas das quais ele é o produto: a correspondência que se observa entre o espaço das posições sociais e o espaço dos estilos de vida resulta do fato de que condições semelhantes produzem *habitus* substituíveis [...] (BOURDIEU, 1983 p. 82)

Percebemos que o *habitus* se configura a partir da formação constituinte de espaços sociais que exercem papel de distinção constituída. O que dá este caráter é justamente as posições ocupadas por cada agente no espaço social em que cada pessoa revela um conjunto de *habitus* que pode ser substituído a partir das condições objetivas e subjetivas de existência e de preferências concretas do agente social.

Vimos que, para Bourdieu (1983), há uma relação interdependente entre sociedade e indivíduo que são advindas dos condicionamentos materiais e simbólicos, traduzindo-se na posição social, independentemente do capital econômico, de status de prestígio social que encontra-se no deslocamento que estes aspectos assumem em cada momento histórico, no qual o sentimento de pertença enquanto estatuto social dá a característica do estio de vida de cada agente.

A formulação teórica que nos parece plausível é que as redes sociais caracterizam-se na atualidade como constituídas e constituidoras de novas formas de interações sociais estabelecidas pelas pessoas, em especial adolescentes e jovens, em seu cotidiano, em seus espaços sociais. Tais relações articulam-se entre os sistemas de ação e trajetória vividas que levam à construção de identidades reais ou virtuais, dependendo das relações estabelecidas pelos agentes em seus contextos de interação que são resultados das diversas condições acumuladas na trajetória de vida de cada agente, mediados pelas composições dos capitais em seu sentido global.

Os agentes sociais, com destaque para as novas gerações, constroem suas relações em diferentes espaços e, entre eles na atualidade o espaço virtual, torna-se cada vez mais local preferido para socializar-se e acabam por expor os grupo e suas representações sobre as práticas sociais cotidianas, tendo como referencial características comuns e as diferenças sociais que unem estes agentes enquanto pertencentes da mesma cultura.

Podemos inferir ainda que os agentes das redes não desenvolvem papéis estanques, mas de relações interdependentes em relação a outros agentes. As redes sociais, em função da comunicação digital, há muito superou a suposta relação de linearidade típica da comunicação de massa, em função dos avanços tecnológicos comunicacionais de nosso tempo. A participação nas redes sociais é motivada pelos interesses e necessidades de cada agente, porém, os conteúdos específicos de cada rede é também fator de adesão ou não, e para tal os agentes precisam sentir-se pertencentes e acolhidos por seu grupo.

4. Bibliografia

ALMEIDA, M. E. de. *Proinfo: informática e formação de professores*. Secretaria de Educação a Distância. Série de Estudos/Educação a Distância. v.1. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2000. 192 p.

BAECHLER, J. [et al] *Tratado de Sociologia*, tradução de Tereza Curvelo, Jorge Zahar Editora, Rio de Janeiro, 1995.

BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand. 1989

_____. *Razões Práticas. Sobre a Teoria da Ação*. Tradução de Mariza Corrêa, Campinas SP, Papirus, 1996.

_____. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense. 2004

_____. *A Distinção: crítica social do julgamento*, tradução de Daniela Kern, Guilherme J. F. Teixeira, São Paulo, Edusp, Porto Alegre, RS, Zouk, 2008.

CASTELLS, Manuel e CARDOSO Gustavo. *A Sociedade em Rede Do Conhecimento à Ação Política Conferência promovida pelo Presidente da República de 4 e 5 de Março de 2005 no Centro Cultural de Belém*, editora Imprensa Nacional-Casa da Moeda Janeiro de 2006.

_____. *A Galáxia na Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*, tradução de Maria Luiza X. de A. Borges, Rio de Janeiro, Zahar, 2003.

GUIMARAES, Veridiana Canezin. *Sujeito e Cultura e O Mal-Estar da Civilização*. Goiânia. Ed. Da PUC Goiás. 2011.

MARINHO, Karla Azeredo Ribeiro. *Entre duas rodas e uma tela a sociabilidade na rede social Tornadeiros*, 2011

MARTELETO, Regina Maria *Redes Sociais, Mediação E Apropriação De Informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação* *Pesq. bras. ci. inf.*, Brasília, v.3, n.1,p.27-46, jan./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=13080>>. Acesso em 12.11.2013

_____. *Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação*. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan. / abr. 2001. Disponível em: [https://www.academia.edu/222345/Analise de redes sociais como metodo para a Ciencia da Informacao](https://www.academia.edu/222345/Analise_de_redes_sociais_como_metodo_para_a_Ciencia_da_Informacao), acesso em 12.11.2013.

MIZRUCHI, Mark S. *Fórum • Análise De Redes Sociais: Avanços Recentes E Controvérsias Atuais RAE • VOL. 46 • Nº3 jul/set 2006*. Artigo originalmente publicado com o título “Social network analysis: recent achievements and current controversies”, de Mark S. Mizruchi, na *Acta Sociologica*, v. 37, n. 4, p. 329-343, 1994. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v46n3/v46n3a13.pdf>. Acesso em 10.11.2013.

PEREIRA, S., PEREIRA L e PINTO M. *Internet e Redes Sociais Tudo o Que Vem À Rede É Peixe?* EDUMEDIA - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Diário do Minho. 2011

RECUERO, Raquel da Cunha. *Teoria Das Redes E Redes Sociais Na Internet: Considerações sobre o Orkut, os Weblogs e os Fotologs*. Trabalho enviado para o Núcleo de Pesquisa (NP-08) de Tecnologias da Comunicação e Informação do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da XXVII INTERCOM, a ser realizado em setembro de 2004, em Porto Alegre/RS. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/121985795651418859729998795470196200751.pdf>. Acesso em 10.01.2014

_____. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre, sulina, 2009 (coleção Cibercultura) 191 p. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/64568567/Raquel-Recuero-TEORIA-DAS-REDES-E-REDES-SOCIAIS-NA-INTERNET-Consideracoes-sobre-o-Orkut-os-Weblogs-e-os-Fotologs>. Acesso em 10.01.2014

TUNER H., JONATHAN. Concepções e Aplicações, tradução de Márcia Marques Gomes Nava, São Paulo, Pearson Education do Brasil 2000.